

AURORA DA SERRA.

Órgão da Sociedade Litteraria. == Aurora da Serra. ==

CRUZALTA, 1º. DE ABRIL DE 1884.

Aurora da Serra.

Indifferença para as lettras

A indifferença para as lettras é um dos caracteristicos mais accentuados da sociedade brasileira.

Sem litteratura propriamente definida em bases que possa despertar o gosto ao povo, que ignorante não sabe ainda comprehender as importantes conveniencias da instrucção; assignar um jornal; comprar um livro, são despesas que não pode supportar, porque infelizmente entende que não precisa de jornal e tão pouco de livros. Não reconhece que o jornal é uma cousa util, que por elle ficamos á par das occurrencias e factos que se dão entre nós, de todos os acontecimentos que se dão por esse grande mundo e que pode nos servir de muito proveito; que o livro é um objecto de um valor inestimavel, que nelle encontramos o melhor mestre, o melhor conselheiro, e o melhor amigo—mestre que não nos incommoda—conselheiro que não enfastia—amigo que não cansa.

Mas a indifferença do povo tem sua razão de ser vivendo de seu trabalho diario, acostumado a esses labores em que foi embalado em seu alvorecer não, merece reprovação, antes pelo contrario merece compaixão. Porém, a sociedade mais alta que comprehende que o jornal é uma cousa necessaria ao povo, que é preciso fazer o ler, despertar-lhe o gosto pela instrucção—essa sim é um indifferente reprovado, porque podendo ajudar com suas luzes fica petrificada. Não é que ella não reconheça a conveniencia da instrucção do povo, a grande conveniencia da disseminação de jornaes, por toda parte. Vamos caracterisar essa indifferença como um symptoma phisiologico que affecta o organismo brasileiro. Trazer a

sua origem, é chegar á conclusão que é um vicio que lhe é organico. Os remedios para esse mal tem em si mesmo—como as organizações fortes que afinal reagem das grandes doencas, e acabam muitas vezes por ficarem são—os grandes organismos sociaes depois de muitos tropeços acabam por firmarem-se; entra nessas agglomerações de circumstancias o tempo, esse importante factor que, a proporção que supprime uma cousa, alimenta outra—robustecendo a natureza physica, aperfeicoando consequentemente a moral. Por isso é que Buckle, o immortal descobridor das leis da civilisação—afirma que um povo dotado de elementos o seu futuro é certo—por consequente, applicemos ao Brazil, onde os rios são mares! as mattas exuberantes e bellas, os campos céu aberto, o clima geralmente ameno.

Dotado de elementos tão poderosos o Brasil não pode deixar de assumir um dia no mappa das grandes nações o lugar que lhe compete. Lugar do qual ja podia estar mais perto se uma educação contraria a suas inclinações e indole, não tivesse atrophiado as fibras dos sentimentos universaes dos quaes o mundo civilisado está inteiramente convencido e presta toda a adhesão de suas sabias leis. Paiz enormissimo, com uma população tão diminuta, era necessario que os nossos irmãos de alem mar, corressem pressurosos a nos ajudar na grande obra do progresso deste vasto continente sul americano. Mas como accentuar-se essa corrente logica de trocas de idéas, e de forças que tem uma explicação tão natural para quem a olhos imparciaes compulsa os adiantamentos e desenvolvimentos dos povos? Só podemos chegar a esse desideratum, quando leis acertadas bem garantirem esses hospedes espontaneos que pretenderem fundar familias entre nós. Compulsando os progressos e desenvolvimentos dos povos, fica-se inteiramente convencido do quanto a troca de idéas e de habitos tem concorrido para chegarmos a civilisa-

ção que maravilha o seculo 19, com as cores as mais deslumbrantes e admiraveis! O que era a Europa antes das cruzadas? Sem laço algum de moral, politico e social, apresentava o desalinho de uma sociedade que tinha-se transviado de todos os sentimentos nobres de que é doptada a natureza humana: os povos segregados, e os homens vivendo exclusivamente para si, estavam como que atrophiados todos os estímulos que excitamos individuos a trabalharem mutuamente em prol do edificio social, egide sacrosanta que synthetisa os progressos populares, e os laços de cordialidade que devem existir entre os povos, e individuos. Mas ha abyssos bons, como diz eloquentemente Victor Hugo e essas guerras que não tem outro caracter senão de um fanatismo cego acabão por estabelecer a unidade e estreitar os laços de fraternidade em toda a Europa que dessa epoca para cá tem assumido a preponderancia do mundo e firmado, como uma das bases mais preponderantes do progresso e de civilisação na troca mutua de trabalhos e de affectos dos povos entre si.

O exemplo destas guerras que começaram odiando-se, e terminaram amando-se é a prova mais cabal—que os povos precisam uns dos outros sem infringir quebra alguma de sua integridade de seus usos e costumes.

Cruz Alta, 1.º de Abril de 1884.

João Pereira da Costa.

(Continua.)

Discurso pronunciado na sessão de 29 de Fevereiro, no Club.

Aurora da Serra, por Evaristo de Castro.

Mrs Srs.

E' com a alma e o coração ferido de punge-te dor e cruciante saudade, que neste momento ousou levantar minha debil voz neste recinto, isto faço no cumprimento d'um sagrado dever.

Manoel Rodrigues Dias, ja não pertence ao numero dos vivos.... beijou-lhe a fronte veneranda o gelido sopro da morte, mas o que é a morte? é simplesmente a mudança de formas, sim, porque se seu corpo desapareceu dentre nós, sua memoria será eterna. Mas o que é a vida?

Uma cadeia de constantes lutas que principia no berço e termina na morte. Nascer, crescer, lutar, eis o fim do homem sobre a terra.

Pois bem: o illustre morto que neste momento solemne aqui ousou lembrar sua memoria, foi um batalhador incansavel, sim, srs., quando o sol da infelicidade nos surge no horizonte da vida é que o homem forte de grande coração, tem coragem bastante, para afrontar a tempestade que o pretende envolver no tufão da desgraça; sim, meus srs., nem sempre o astro da felicidade acompanhou aquelle cuja morte hoje aqui pranteamos: teve momentos na vida em que só um grande e magnanimo coração, os pode afrontar com altivez, e elle os afrontou.

Patriotismo—o Santo amor da patria, possuia-o elle em alto grau, sim, quando a patria ultrajada, precisou do patriotismo de seus filhos, elle foi um dos que espontaneamente correu em defesa da honra e do brio nacional: se não conseguiu ganhar postos é porque sua fronte nunca se curvou a serviz.

Meus dignos consocios, pode-se affirmar que seu ultimo pensamento foi pela patria: sim, to dos vos sabeis que poucos dias antes de ser acolhido pela enfermidade que o levou ao tumulo a presentou nesta casa a these—Qual o destino que o governo deve dar aos libertos e ingenuos?

Proponho, pois, que a sessão de hoje seja consagrada á memoria do illustre morto e que na acta de hoje seja consignado um voto de profundo pesar pelo seu passamento.

Qual o dever de todo o livre pensador em relação a civilisação actual.

THESE DESENVOLVIDA NO CLUB AURORA DA SERRA PELO SOCIO JOÃO PEREIRA DA COSTA.

(Conclusão)

Vou terminar a minha these, amparando-me em algumas considerações do celebre historiadore inglez, Buckle.

Buckle, com a profundeza de talento de que era dotado, affirma: «que, a civilisação é a intelligencia esclarecida do povo; que o progresso para ser se rio, deve ser moral e intellectual; isto e, deve ser o resultado do complemen-

to mais seguido de nossos deveres, e da maior somma de conhecimentos.»

Assim é meus srs. que a intelligencia é gran de locomotiva do progresso, — e onde ella tiver a força da convicção, onde tiver a força da expansão livre hade gloriosamente plantar o estandarte do bello, do justo, e do honesto!

Que são meus srs. os preciosos fructos, do di reito baseado na razão, e na experiencia—dirigindo a sociedade com esse caracter serio de que falla eloquentemente Buckle, que é meus srs. em rezumio os esforços de uma mentalidade consciente da seos deveres; de uma mentalidade consciente da lealdade de suas ideas em prol dos grandes interesses da patria.

Expediente do club Aurora da Serra.

Sala das sessões da Sociedade Litteraria « 28 de Setembro. » em Porto Alegre, 18 de Fevereiro de 1884.

Illms. Srs.

Quando por toda a parte campeia o indifferantismo por tudo quanto é em bem do desenvolvimento da instrucção popular e quando este mesmo indifferantismo é apoiado pelo proprio regimen constitucional que actualmente nos rege, é impossivel a nós, que somos os moços do futuro, que somos os responsaveis pela propagação das grandes idéas, deixar de receber com orgulho e mesmo esperanças, as gratas noticias da propaganda, que se desenvolve por meio das instituições litterarias, que é, podemos dizer sem medo de errar, o meio mais efficaz ao alcance dos modernos, que querem ver a patria dos Andradas, dar as suas manifestações de adiantamento e progresso e inscripta em breve na lista das mais civilizadas.

Assim é que, servindo de interprete dos sentimentos que a fundação d'essa Sociedade disper tou no seio d'esta, com immenso prazer apressome em enviar vos em seu nome, um fraternal amplexo, e nelle desejando-vos que encontreis no vosso arduo quão glorioso caminho as mais lisonjeiras flores, que colhidas por vós irão ornar a corda de glorias que o futuro vos guarda, como medalha de merito pelos vossos esforços.

A Sociedade Litteraria « 28 de Setembro » enviando-vos esta sincera saudação só tem em vista amparar-se á sua digna e nova co-irmã,

para que ambas possam conquistar os fins pelos quaes trabalham com tanto ardor e denodo, rompendo assim as nuvens opacas que separam a Instrucção da Liberdade, tendo por intermediaria a Ignorancia e o Indifferentismo popular.

Deus Guarde a V. Ss.

Illms. Srs. Presidente e mais membros da Sociedade Litteraria « Aurora da Serra ».

Augusto Jayme Walmrath.
Presidente-effectivo.

Collaboração.

Deus

(TRADUÇÃO)

A Terra não tem nenhuma preeminencia sobre os outros planetas. Os outros planetas são habitaveis como ella.

Camillo Flammarion.

O systema dos materialistas é favoravel á nossa doutrina, e isto é claro, porque concordamos unicamente com a ideia das evoluções da materia, que lhe é inherente; e, apesar do apoio que esses philosophos podem prestar-nos, o nosso dever é de não alliar-nos á elles, não deixar nossa doutrina em suas mãos nem por um instante; porque a autoridade d'aquelles que não reconhecem uma intelligencia directora na organização do universo, nos parece incapaz de attrahir após de si a quem quer que seja.

Não queremos entrar n'uma interminavel discussão sobre as provas da existencia de Deus; não é aqui o lugar; porem queremos expor em poucas palavras o nosso modo de vêr e de pensar: ora apesar de nosso venerando mestre «Laplace» qualificar Deus de hypothese inutil: a apesar dos sabios discipulos das escolas de Hegel, de Augusto Comte e seus emulos, apesar da autoridade de nomes contemporaneos, que é inutil citar, porem que nos são caros por mais de um titulo, não vacillamos em proclamar, como principio, a existencia de Deus; independentemente de todo dogma, diremos mais, independentemente de toda a ideia religiosa.

As provas dessa existencia são, para nós, tão numerosas como os seres animados que povoão a terra. Apesar de nossa incapacidade de o conhecer e de nossa fraqueza perante elle, nós affirmamos que existe o ser supremo; nós não o comprehendemos mais do que o insecto comprehendendo o sol; não sabemos quem elle é nem como elle é, nem o modo pelo qual elle opera, nem o que é a sua presciencia e a sua ubiquidade; nada sabemos absolutamente; e digamos mais, nada podemos saber; porque somos a sombra e elle a luz, porque somos o finito e elle o infinito; o seu esplendor offusca a nossa retina; seu modo de ser é desconhecido, ignoto para nosso limitado e escasso entendimento; as condições de sua realidade são inacessíveis á nossa acanhada comprehensão, a tal ponto que sciencia alguma poderia levar-nos ao seu conhecimento.

E' verdade que, como dizia Bacon; a pouca sciencia afasta-nos de Deus, e a muita sciencia a elle nos conduz—porem é inverosimil que esta ou aquella sciencia possa jamais dar-nos a ideia da natureza do ser increado: em uma palavra, elle é o absoluto, e nós não somos nem conhecemos nem podemos conhecer senão o relativo; é-nos formalmente interdicto de nos crear a imagem de Deus; é uma impossibilidade inherente á nossa mesma natureza,

Não, nós não sabemos nada d'Elle; porem o contemplamos lá em cima, do fundo de nosso abysmo; e só o pensamento de sua eterna existencia nos aterra e nos aniquila: porem nós o vemos claro e distinctamente sob todas as formas dos seres; nós ouvimos a sua voz em todas as harmonias da natureza; e nossa logica quer uma causa primaria e uma causa derradeira nas obras creadas!

Vós não quereis causa primaria, porque a ausencia de criação vos parece incomprehensivel, e d'ahi concluis a eternidade do Mundo; não quereis causa derradeira, porque a casualidade final fica mysteriosa e obscura e conduz o homem á erros manifestos; porem o que é que vós chamais e nós todos chamamos causas finaes?

V. D.
(Continúa.)

Uma scena social.

HA ABOLICIONISTAS ASSIM.

Em um grupo social trata-se do abolicionismo.

D'entre esse grupo destaca-se um homem, cuja simulada colera e firmeza de palavras em defeza dos miseros escravos, faz crer a qualquer ouvinte ser um dos mais sinceros abolicionistas do mundo inteiro.

Em alto e bom som condemna elle todo e qualquer principio que tende a tolher a liberdade de um povo, e clama contra as instituições monarchicas do Estado por não ter ajudado um golpe em prol da escravidão, &c.

Disperso o grupo, seguimos os passos do abolicionista em questão.

Eil-o que entra em sua residencia. De chegada encontra sua mulher infligindo terriveis castigos em uma escrava, que, com as faces ensanguentadas pelas sevicias, brada por socorro.

—Silencio! vociferou elle á escrava; cala-te ou vais immediatamente para a cadeia!...

Dirigindo-se com brandura á mulher:—Para que te incomodas assim?... isso te faz mal para que não esperaste minha vinda?... eu mandaria castigal-a com cincoenta ou cem açoites pelos escravos. . . .

Averiguado o caso, a escrava tinha sido assim tão barbaramente castigada, por tomar aos braços um filho para alimentar-o, que havia sido condemnado por sua senhora, a morrer de fome.

Infelizmente ha abolicionistas assim!...

Entre o crescido numero daquelles que, no seculo actual, procuram lavar a mancha negra e indelevel q' em tão malfadada hora foi lançada em face desta paiz; entre esse numero de amantes do progresso e da civilização de nossa cara patria; entre esses atletas da época, que tomaram em seus hombros tão ardua quão nobre missão—o abolicionismo, não é raro vermos quererem disputar um lugar, abolicionistas desta ordem!

E' revoltante!

Cruz Alta, Março de 84.

Afonso Fontoura.

O Manoel de Souza.

O snr. Manoel de Souza, que pelo nome já se recommenda como um espirito atilado e perspicaz, era um burguez em regra.

A' custa de muita ecconomia, tinha elle algumas patacas na burra.

A' medida que enriquecia, isto é, desde que a calça sebossa e o tamanco barulhento iam sendo substituidos por cousa melhor, denotando

que o Manoel ia bem de negocios, ia-se fazendo em torno do typo uma rodinha de *amigos dedicados e apreciadores desinteressados de suas altas qualidades*.

Foi o Manoel de Souza civilisando-se á seu modo : já lia romances, tinha palavrinhas de bom gosto, assignava jornaes e se algum brejeiro, em termos menos vulgares, chamava-o de —burro— tinha em resposta um risozinho de a gradecimento.

E o Manoel tambem não era qualquer pobre diabo ; fôr inspector de quartirão, juiz de paz, subdelegado, vereador e no momento actual quem o vê com o competente galão de capitão, visto que o Manoel é influencia politica, cita artigos e paragraphos, leis e avisos.

O maior prazer do nosso homem era, quando ia á alguma parte, tomar o jornal e ler :—«Acha-se entre nós o distinctissimo e prestimoso sr. Cap. Manoel de Souza, legitima influencia do partido no lugar de sua residência. Comprimentamol-o.»

Entretanto o Manoel estava incompleto ; tinha apenas onze costellas, faltando-lhe a duodecima que não tardou a apparecer-lhe sob a forma graciosa e gentil d'uma interessante mocinha.

E' um bom corte de genro !—dizia á Joanninha seu pae, quando ella, irresoluta, allegava que o Manoel era gordo, narigudo e fungão, que tinha isto e mais aquillo e enfiava um arrazoado pelos ouvidos do pae.

No entanto, vencida a teimosia, a travessa mocinha deu o classico—sim—e o futuro sogro do Manoel fez-lhe um bilhetinho, communicando-lhe a favoravel resolução da filha.

O Manoel de Souza enfarou.

Ficou ameaçado de uma congestão cerebral, que passou.

Emfim casou-se.

D'ahi á um mez, o nosso homem era outro typo.

A Joanninha tomara conta de seus negocios, de sua politica, recebia cartas dos candidatos e até ordenava revistas da Guarda Nacional.

E quando uma ou outra vez o Manoel de Souza tentava recuperar a posição perdida—«bico calado !»—lhe respondia ella, levantando a perna á altura da mão, como querendo servir-se do chinelo em *casus belli*, á vista do que o Manoel ficava muito cordato e renovava seus protestos de amor á Joanninha.

Os visinhos invejavam a paz de que gozava o Manoel com a Joanninha.

Esta que tambem tinha amor á farda conseguiu para o Manoel o posto de tenente coronel !

Que surpresa ! que alegria indescriptivel não teve o Manoel quando soube de sua promoção ?!

Entretanto o Manoel já não via só meio palmo adiante do nariz, suas ambições se multiplicavam. Estava bem, tinha fortuna e meteu-se n'uma alta patota que, para sortir effeito, demandava muito empenho juncto aos homens do governo.

Resolveu ir á côrte.

Muniu-se das competentes recommendações e foi, muito satisfeito porque durante algum tempo estava livre da senhoril chinela de sua mulher.

Durante a viagem por mar, alguns estudantes que tinham tomado passagem no mesmo vapor, contaram ao Manoel mil cousas acerca das francezas faceis.

O tenente-coronel ficou, como se diz, pelo beico.

Vagos desejos, um prurido irrequieto, constante aticavam-lhe os lumes d'uma traiçozinha á mansa Joanninha.

Chegou á côrte.

Durante os primeiros dias andou inteiramente vendido.

Confiou seus negocios á um conselheiro advogado administrativo e pôz-se a passeiar.

Foi á rua do Ouvidor,

Caminhava dando encontrões aqui e acolá quando, levantando os olhos, viu na sacada d'um sobrado uma *mulher* seductoramente bella, vestindo um rico *robe*, de braços cahidos, um sorriso nos labios, loura, de olhos vivos e que estavam a fital-o.

O Manoel enrubeceu, tossiu e deu mais uns passos.

Tornou á olhar para [o sobrado e tornou á ver a seductora imagem na mesma posição, com o mesmo sorriso, mesmo olhar !

Esta é das taes francezas—disse comsigo o Manoel, convicto de que não tinha passado desapercebido á *mulher*.

Entrou n'um café.

D'ahi á pouco estava perfilado á porta da rua, com o olhar cravado na *diva* do sobrado que parecia fital-o sempre !

Elle já estava em brasas, louco por chegar a tẽ o sobrado.

Passou uma vez pelo andar terreo; ali ha via uma loja de modista.

Voltou para o café.

Esperou á ver se do sobrado sahia alguma creada.

Nada.

Retirou-se afflicto.

Passou a noute a cogitar.

No dia seguinte tornou ao café.

A *mulher* lá estava na sacada, a sorrir-lhe!

O Manoel, ancioso, mordida os labios.

Cogitou ainda todo o dia.

A' noutinha entrou na loja da modista

Quasi perdeu o animo á porta da rua.

Tudo viu, nada lhe agradou.

—Quem sabe se lá no sobrado tem alguma cousa de mais preço?—perguntou elle á modista, tomando um expediente para ir ao sobrado.

—Tem, sim, alguns vestidos da ultima factura, podemos ir ver—respondeu a modista.

Foram ao sobrado.

Em cada degrão da escada o Manoel parava para respirar; seu coração estava n'um tic-tac desesperado.

Quando chegou ao sobrado o seu primeiro olhar foi para a sacada.

Ainda lá estava a *mulher*.

Viu os vestidos novos porem a modista ali estava.

—Tenha a bondade de mandar vir aquelles que vi lá embaixo. Compro-lhe dois e não o lho preço.

A modista sahio apressada.

O Manoel impaciente dirigiu-se para a sacada, atirou-se á *mulher*, foi estreital-a nos braços, mas... fatalidade!... o *anginho* louro quebra-se ao meio e cae fracturando a cabeça no assoalho do sobrado!

O Manoel recuando espavorido, gritou—socorro!—e desmaiou...

A modista vem n'um pulo e depois de ver o que houve, mandou preparar como para o Manoel que, restabelecido no dia seguinte, pagou prodigamente os cuidados da modista e, cheio de vergonha, voltou a entregar-se ao chinelo da Joanninha.

A *mulher* da sacada era um manequim de pão com cabeça e mãos de cera, onde as modistas expõem vestidos.

Exaristo T. Junior.

De tarde.

De tarde quando o sol distante,
Vai delirante a fronte pousar;
Seus raios brilhantes vão vagarosos,
Dos serros formosos as grimpas dourar.

Então minh'alma vòta saudosa,
A patria formosa, a infancia lembrar
E um rosto d'anjo puro e formoso!
Vejo saudoso na mente formar.

Porem sem alento, sentado, sosinho,
No invio caminho que tenho a trilhar;
Minh'alma esmorece, de saudades fenece,
De dores entristece e começa a chorar.

E' que esse anjo de formas tão puras,
De doces venturas que vejo a scismar;
Partio deste mundo para o ninho paterno,
E o seio do eterno lá foi habitar.

Eu choro e lamento, neste mundo de dores
Myrrhadas flores da infancia lembrando;
Eu choro e lamento do mundo descrente,
Mas vivo somente sua imagem adorando.

Porem sem alento, sentado, sosinho,
No invio caminho que tenho a trilhar;
Minh'alma esmorece, de saudades fenece,
De dores entristece e começa a chorar.

Affonso de Castro.

Chronica.

1.º de Abril de 1884.

Ha ja dez dias que entramos para o outono e ainda se estua.

O thermometro marca 34.º centigrados; e o sol, ja bastante inclinado para o hemispherio boreal, dardeja todavia seus ardentes raios com uma intensidade tal, que peja a terra d'uma enormemente quantidade, de calorico, que a fresca relativa da noute é insufficiente para absorver.

O astro rei vai, vem e torna a ir, e, referente ao calor, parece estar aferrado ao zenith.

Em quanto á chuva—nem signal.

Tudo deplora uma secca que começa, ao passo que meu corpo se acha mergulhado n'uma inundação de suor que não cessa.

Se me privassem dos beijos refrigerantes de Freilein, Stook Beer e Miss Pale Ale, com que me deleito amiudadamente, e com as quaes estou bem *familiarisudo*, acredito que já teria passado a outro qualquer estado a não ser o solido... que muito prezo.

Portador d'um respeitabilissimo *exces d'embonpoint*, que faz inveja ao Salomão Kahn, e se não fôra a precaução que tomei, mantendo optimas relações com as duas supracitadas estrangeiras, era possível, ó leitor, que o vosso insonso chronista andasse por estas horas a esguichar do regador d'alguma moça amante da cultura das flores—suas rivaes—ou mitigando a sede á alguma velha rabujenta e resequida.

Abrenuncio!

A segunda hypothese me arrepiava os cabellos.

Além da desgraça de ver as minhas queridas moléculas dilatarem-se ao ponto de *glisser* côsta abaixo, como se eu fôra estatua de gelo, desfeita pelo primeiro raio do sol, que lhe incidisse, ainda a negra sorte de ser trágado por uma carcassa!... Seria para desesperar.

Agora se eu tivesse a certeza de ser... de ser libado por aquella que teve o poder e ousadia de me arrebatara o coração, então o caso mudava de figura... até estou em dizer que almejava a liquefacção.

Na dúvida, porem, prefiro beber a ser bebido. Por isso, permitti-me que esvazie este copo, que aqui tenho cheio. E va lá *à votre santé et en mon profit*.

O sr. O' Brien, insigne prestidigitador, que se acha entre nós d'algun tempo lá esta parte deu na noite de 16 o seu ultimo espectáculo.

Este, ao contrario de todos os outros, cujas receitas talvez não excedessem ás despesas, esteve assaz concorrido.

Seria por ser o ultimo.

A despeito do calor que lá fazia, devido em grande parte ao acanhado do recinto, e á aglomeração de povo, passou-se comtudo algumas horas bem agradaveis.

Para mim, estaria cem vezes melhor, se certos olhos extremamente poderosos, que lá brilhavam, não estivessem tão attentos para o scenario, e se dignassem, de quando em vez, a volverem-se para o meu lado.

Nem tudo é conforme aos nossos desejos...

Na segunda parte do espectáculo, devido ás provas sorprendentes que apresentou, e á limpeza e presteza com que executou as suas escamoteações, nas quaes é habilissimo, foi o sr. O' Brien chamado a scena.

Nesta occasião, cinco formozas meninazinhas, irmãmente trajadas, da aula da dedicada professora, D. Maria Leopoldina da Motta, subirão ao palco para offerecer em seu nome e em nome de suas collegas, uma coroa de louros ao applaudido artista. D'entre ellas, tomou a palavra a sympathica filhinha do sr. José Cae tano, e fez o offerecimento com as seguintes palavras, que não posso furtar-me ao desejo de transcrevel-as aqui.

Eil-as :

« Illustre Artista ! Permitti que as creanças, representantes do futuro, venhão hoje associar-se tambem ás saudações que vos dirige o povo cruz-altense.

Se a debilidade de nossas phrazes, consequencia da razão embryonaria, não está no nivel dos vossos elevados meritos ; são ellas, no entretanto, o reflexo, a projecção de nossos pensamentos, a idea que borbulha em nossos cerebros juvenis em relação á grandeza do vosso merito artistico.

A razão desenvolvida, gera muitas vezes falsas apothéoses ; a innocencia, a juventude—nunca. Alli—quasi sempre a bajulação, com um objectivismo rasteiro ; aqui—sempre a verdade a emergir serena e pura, como dos nossos corações.

Recebei, pois, com esta coroa, as saudações que vos dirigem as alumnas da aula mixta.»

Todos acolhêrão aquellas palavras angelicas, com enthusiasmo e applausos verdadeiros.

Eu lá, fiz echo áquella justa ovação ; e d'aqui felicito os felizes pais, pela satisfação que dar-lhes-ha aquella creança, que, tão tenra, contando apenas um lustro de existencia, revela, não obstante, uma intelligencia e desembaraço, que muitos adultos não os tem.

Só quem vio o accento, a graça e ademans com que aquelle mimoso anjinho recitou o seu discurso, fará uma idéa do que levamos dito.

Muito bem !

Depois d'amanhã apparecerá o primeiro numero do *Monitor Serrano*, órgão imparcial, que vai substituir a *Decentralisação*, que, infelizmente, morreu.

Não sou republicano ; porem lastimo de cora

ção que aquelle jornal, que éra solícito em promover o bem do lugar, advogado sempre prompto da verdade e sabiamente redigido, percesse E por que ?

Por falta de pennas na sua redacção ? Não.

Pela deficiencia d'uma officina bem montada ?

Não, tambem. Mas tão sómente por falta de assignantes ! !

E' difficil de crer-se ; porem é a dura e crua verdade !...

Não só devido aos seus proprietarios—srs. Evaristo A. de Castro e Luiz F. Peixoto, como ao illustre gerente, sr. Guilherme J. da Costa, cuja escolha não podia ser melhor feita, tenho esperança nisto : mas oxalá que o *Monitor*, em sua esphera, seja digno succedaneo da apropiada *Decentralisação*.

Desde já faço votos para que o novo 'campeão, que dentro destes trez dias surgirá do prelo, tenha em abundancia o precioso alimento á mingoa do qual pereceo a importante folha republicana.

Carta de Paris

(Conclusão)

Durou afestança até as 4 horas da madrugada. Ao entrarmos em casa, eu dormia em pé. Elle, o gigante, estava fresquinho quálfalface e bem disposto, como si acabasse de dormir. Fez-me entrar no seu quarto, acendeo duas velas, e disse-me, entre duas gargalhadas :

—«Deita-te, velhote ; eu, que só tenho cincoenta e cinco annos, vou escrever tres folhetins, que serão remettidos á Paris amanhã, isto é hoje, pelo correio. Si por acaso restar-me tempo, alinhavo uma brincadeira de um acto, que me anda á valsar pelos millos.»

Pensei que gracejava ; porem, ao despertar, vi no quarto, onde elle cantava fazendo a barba, tres grandes enveloppes com os folhetins destinados á tres jornaes, e um rolo contendo o famoso acto—«*L'Invitation á la valse*»—que é um primor, nem mais nem menos.»

Findou a cerimonia por um discurso de Halanzier, antigo director da Opera, que falou em nome dos artistas dramaticos, e por algumas palavras, entusiasticamente ap-

plaudidas, de um delegado dos operarios parisienses.

E eu vou terminar este artigo, exclusivamente dedicado ao mais jovial, bondoso e amoroso dos escriptores contemporaneos, contando as seguintes anedoctas :

Nos ultimos annos do Imperio, alguns admiradores de Dumas tiveram a idéa de erigir-lhe uma estatua. Um dia, Paul Feval vae visitá-lo, e perguntar-lhe o que devia ser inscripto no pedestal.

—Veja o que pensamos á tal respeito—diz-lhe Feval—De um lado, o romance ; do outro, o theatro ; defronte, esta inscripção : Alexandre Dumas, nascido em... & &.

—Mas—retorque Dumas—ainda resta um lado.

—E então ?

—Vae ficar em branco.

—Vamos á vêr o que se pode pôr. Já mencionamos o romance....o theatro...

—Occorre-me uma idéa—exclama Dumas.

—Quai é ?

—Ponhão os [nomes dos meus credores. Pelo menos serão pagos em moeda de gratidão.

—Dumas gostava muito que lhe fallassem do general, seu pae, mas não gostava nada que fizessem allusão á côr da sua familia.

Um dia que elle se achava no seu salão, rodeado de amigos á derreterem-se, qual manteiga aos raios do sol, quando o espirituoso «causeur» fallava, um d'esses bestalhões, que infelizmente pullulão n'este valle de burricos, atirava-lhe com esta asneira á queima—roupa :

—O sr. é mulato ; não é ?—

—Sim sr, respondeo-lhe Dumas com tom arrogante—

—Então seu pae era negro !—proseguio o bruto—

Dumas arregalou os olhos com ar terrivel, e, no paroxysmo da colera, bradou :

—Certamente—

—E seu avô ?—perguntou a cavalgadura, sem saber o que devia dizer—

—Meu avô, pedaço de asno, meu avô era um macaco—vociferou Dumas, apertando-lhe o « gasganete ».—

Hoje, podemos admirar em Paris a estatua de Alexandre Dumas. Ainda bem. Quando, porem, admiremos a de Balzac ?

A. d' Oliv Co. astlrae